

SEU DEIVES: UM ESTUDO DE CASO UTILIZANDO A HISTÓRIA ORAL SOB UMA PERSPECTIVA NÔMADE-DELEUZIANA

Roger Miarka – UNESP/Rio Claro

Resumo

Esse estudo é uma investigação utilizando a História Oral sob uma perspectiva deleuziana. Ela tem seu início em um estranhamento ocorrido ao acaso que, de algum modo, me obrigou, como nômade-pesquisador a me mover. Devido ao seu caráter nômade, a metodologia de pesquisa não foi definida a priori. Este trabalho tem um percurso de pesquisa que desenvolveu e/ou utilizou métodos para transpor obstáculos. Foi utilizado um único depoente e, da análise do seu discurso, emergiram seis categorias que giravam em torno do estranhamento inicial.

Palavras-chave: História Oral, perspectiva deleuziana, concepções de mundo

Abstract

This study is an investigation using Oral History under a deleuzian perspective. It has its beginning in an estrangement occurred in a randomic way which, somehow, made me, as nomad-researcher, move. Due to its nomad characteristic, a research methodology was not defined a priori. This work has got a research passage, which has developed and/or used methods in order to transpose obstacles. It was used just one interviewee and, from the analyses of his speech, six categories have raised which ones spin around the initial estrangement.

1. INTRODUÇÃO

Em seu livro “O Grande Massacre dos Gatos”, em um trabalho sobre história cultural, Darnton, após ler um conto verídico¹ escrito por um tipógrafo francês do século XVIII cuja história termina com uma parte dos personagens da história gargalhando (sendo inclusive apontada como a experiência mais hilariante da vida do autor do conto), percebe que o fato desagrada o leitor moderno, que não entende sua graça. Refletindo sobre seu estranhamento, Darnton chega à conclusão de que este é um indício da distância que nos separa dos operários da Europa pré-industrial, contexto do conto e de seu autor, sendo um ponto de partida para uma investigação, pois, como afirma Darnton

[...] os antropólogos modernos descobriram que as melhores vias de acesso, numa tentativa para penetrar em uma cultura estranha podem ser aquelas em que ela parece mais opaca (DARNTON, 1986, p. 106).

Seguindo essa perspectiva, percebo que o estranhamento como o descrito acima não ocorre apenas entre culturas temporalmente e regionalmente distantes. Pelo contrário, estranhamentos desse tipo co-habitam sob um mesmo solo. Foi um desses estranhamentos que freqüentemente nos passa despercebido que me motivou uma investigação.

2. UM ESTRANHAMENTO: *ESTACINAMENTO PRA BICICRETAS PRA CRIENTES*

A primeira vez que passei pelo estabelecimento de “Seu Deives” senti um estranhamento sobre um daqueles fatos que têm a tendência de não chamar muita atenção: uma placa em frente ao seu estabelecimento com a escrita “Salão do Seu Deives – Cortes Simples -

¹ O título deste conto é “O Grande Massacre dos Gatos na Rua Saint-Séverin”

Estacionamento para motos e bicicletas pra crientes”, em um local público, em uma das ruas mais movimentadas de Rio Claro. O primeiro pensamento que tive foi: “Por que esses erros gramaticais? Por que ele não pediu para alguma outra pessoa escrever, já que isso está exposto para todo mundo?”. Essa dúvida persistiu, sendo tema de conversa com colegas e, infelizmente, razão de chacotas, sendo inclusive tema de uma redação sobre minhas primeiras impressões de Rio Claro.

2. SITUANDO O PESQUISADOR: NARRATIVA X INFORMAÇÃO

Como pesquisador, sinto a necessidade de me situar na pesquisa. Não há pesquisador neutro, mas aquele que tem consciência que suas concepções influenciam na pesquisa. Poderia falar meu nome, minha história acadêmica, minha história pessoal. Contudo, seriam meras informações que pouco auxiliariam. Aliás, a informação hoje em dia é por demais valorizada. É considerada objetiva. Mas qualquer informação tem um informante por trás, que carrega suas concepções de mundo consigo, concepções estas camufladas de neutralidade. Prefiro a narrativa, cujo autor é consciente de sua subjetividade. A informação aspira a uma informação exata e, como diz Benjamin, ao compará-la com a narrativa

[...] muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio (BENJAMIN, 1993, p.203).

Para me situar nessa pesquisa, utilizo uma crônica. Ela mostra a primeira relação que se estabeleceu entre minha realidade e o Seu Deives. Esta é única, e cada crônica que eu escrevesse situaria mais o leitor no meu cenário de pesquisa, como diz Benjamin:

[...] no amplo espectro da crônica, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada se estratificam como se fossem variações da mesma cor. O cronista é o narrador da história (BENJAMIN, 1993, p.209).

A seguinte crônica foi escrita por mim antes da decisão de fazer este trabalho, durante o curso de “História Oral” ministrado pelo professor Dr Antonio Carlos Carrera de Souza na Unesp de Rio Claro em janeiro de 2006, motivado pela leitura do texto “Imagens do Pensamento” de Benjamin. Assim, não fui induzido a me situar neste contexto. Isso simplesmente ocorreu. O nômade dentro de mim sentiu obrigação de se mover. É interessante ressaltar, no entanto, que esse estágio de estranhamento é diferente daquele estranhamento inicial, pois já estava envolvido numa atitude de reflexão. Situando-me num cenário como este, por meio de uma redação, revelo meus primeiros pré-conceitos, expectativas, interesses etc.

2.1 A REDAÇÃO: RIO CLARO-ESCURO

As nuvens de Rio Claro são as mais temperamentais que conheço. Modificam-se a cada instante, brincando com o contraste sol-chuva, sempre lembrando o visitante que fornos não são criações humanas, mas imitações da natureza.

Desviando o olhar do céu para a terra, nos damos conta do quão presente o positivismo está num grito seco e maculado de poeira: “Ordem e Progresso”. Ruas que se cortam formando ângulos retos que satisfariam Euclides, número-nomeadas tirando a chance de um agricultor, herói político ou dono do bar mais famoso da cidade de terem seus nomes imortalizados.

Num passeio por esse quartel, verificamos que o pinguço de sede não morreria e a dondoca teria dezenas de opções, mesmo que tivesse que evitar o salão do senhor Deives e seu *mullet* grisalho por revolta e asco de ser chamada de *criente* e não ter uma *bicicreta* para colocar

no *estacinamento* do Seu Deives, possibilidades essas que a lembrariam do preço de seu conforto.

Chegando um pouco mais perto de centro da cidade, percebemos a importância da redoma para a rosa do “Pequeno Príncipe”. Sentimos a invasão física dos transeuntes que se esbarram e se empurram numa pressa desmedida para a compra do *top* que melhor imita aquele usado pela estrela do *funk* do momento.

Um médico enfartaria, apesar dos quinze anos de dieta sem gordura, só de respirar o hálito de fritura que o povo expira. Aquele, já no céu (esperamos!) proporia a Deus (ou a um anjo se a fila estiver grande) a reescrita de seus dogmas: “Amar a Deus, ao próximo e ao seu estômago”.

O viajante se desesperaria com uma dor-de-cabeça. A descentralização do comércio o faria se sentir em peregrinação na busca à aspirada aspirina. Bom para seu estômago, ruim para sua cabeça, já que sua mãe já dizia que andar sob sol forte causa insolação. Logo, enxaqueca em dobro!

Entretanto, nada disso importa se o viajante sólidos sonhos tem. Com calma e paciência tudo releva, começa a gostar das coxinhas da Rua 3, não se perde mais, pois com números lida bem, economiza com as promoções de roupas do centro, se bronzeia com facilidade. No fim das contas, vira *criente* e amigo do Seu Deives se deliciando com os trinta minutos mensais onde escuta histórias encantadoras que o relembram que a vida tem prioridades e belezas diferentes para cada um de nós.

3. HOMENS INFAMES

Há-se uma tendência de mitificarmos acontecimentos e pessoas, encarando-as de modo segregado do mundo. Entretanto, será que de alguma maneira cada um de nós não age de modo a afetar o outro? Temos um solo comum, uma história comum. Mais ainda, histórias comuns. É na busca dessa pluralidade que me empenho. História não é feita de homens e fatos, mas de outras histórias.

Seu Deives é um homem infame. Infame no sentido de sem fama. Alguém que dificilmente teria sua história contada na academia. Assim, concordo com Foucault quando este diz que os infames são

[...] todas aquelas vidas, que estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas, não puderam deixar traços – breves, incisivos, enigmáticos muitas vezes – senão em virtude do seu contato momentâneo com o poder (FOUCAULT, p.98).

4. HISTÓRIA ORAL E O PESQUISADOR-LAPIDADOR

Concebo a história como uma multiplicidade. História é formada por infinitas histórias. E cada uma delas é muitas. São diferentes faces de uma mesma realidade. Vivemos em uma realidade multifacetada na qual algumas concepções contrárias têm a tendência de crer que a face onde permanecemos é absoluta, formando o todo a partir de uma única parte.

Concordo com a concepção de história de Garnica:

[...] a concepção de que História é uma ciência dos homens no tempo e que – ao contrário do que muitas abordagens historiográficas podem nos levar a acreditar – a origem (notadamente fincada no passado, seja ele próximo ou distante) não justifica a permanência (o exercício do presente, do qual se inferem projeções para um futuro). Conhecer esse ‘passado’ – ou as várias versões que constituem ‘o’ passado –, entretanto, é uma das condições *sine qua non* para que possamos construir possibilidades de análise quanto ao que se transforma e o

que permanece, sem o que estaríamos continuamente a reinventar a roda (GARNICA, p. 153, 2004).

Sob essa perspectiva, a partir de meu estranhamento responsável por essa pesquisa, realizo um percurso de idas e vindas, girando em torno das concepções de Seu Deives, buscando compreendê-las, considerando que elas são as responsáveis pelas suas ações. Aqui utilizo o termo concepção do mesmo modo que Peirce, em uma leitura de Garnica e Fernandes:

As concepções – ou crenças – de algo, segundo Peirce, são regras de ação e, assim sendo, manifestar-se-iam quando descrevemos ações, hábitos, posições específicas acerca de como procedemos quando relacionados com algo próprio à nossa prática. [...] o contato com o mundo permite-nos viver a verdade que o hábito ajudou-nos a construir. Assim, o processo de fazer sentido e os hábitos são elementos obviamente relacionados e estão sempre em construção (GARNICA & FERNANDES, 2002, p.75-76).

Como não há possibilidade de reconstruir todas essas histórias participantes “da” história, entendo a história oral como uma possibilidade

[...] [de] (re) construir algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais nesse processo as memórias desses atores – via de regra negligenciados pelas abordagens sejam oficiais ou mais clássicas (GARNICA, p. 153, 2004).

Nesse trabalho de re(construção) considero o pesquisador como um lapidador, cujo material de trabalho é uma pedra bruta, com indícios de que pode se transformar em um belo cristal. A princípio, o pesquisador-lapidador tem apenas uma face lapidada, que representa seu modo próprio de ver o mundo. À medida que trabalha com outros olhares, outros modos de conceber o mundo, o pesquisador-lapidador começa a lapidar outras faces. Esse é um movimento contínuo, que inicia-se com diferentes faces com fronteiras bem marcadas. O trabalho continua e quanto mais olhares o pesquisador utiliza, mais faces seu cristal terá, de modo que as faces vão aos poucos diminuindo, cujo limite utópico, ao se trabalhar com todos os olhares possíveis (e aí incluo o olhar de todos os seres, animados ou inanimados), é uma esfera de cristal, onde as faces não existem mais ou, se existem, não é possível delimitar suas fronteiras. O pesquisador-lapidador, entretanto, não pode cair no erro do orgulho de, ao olhar pro seu produto final, achar que aquele representa toda a realidade, pois, por ser uma esfera de cristal, refletirá também o próprio pesquisador e suas concepções.

Em busca da reconstrução dessas faces, enquadro essa pesquisa na História Oral sob uma perspectiva nômade-deleuziana.

5. O TRATADO DE NOMADOLOGIA: CIÊNCIAS NÔMADES E CIÊNCIAS RÉGIAS

Em seu Tratado de Nomadologia, Deleuze & Guatarri (1997) propõem uma analogia entre o nômade e o estado com a ciência. O nômade é aquele que tem toda a Terra como seu habitat. Não tem território fixo. Seu território são suas roupas e pertences que leva a qualquer lugar. Ele se move confortavelmente por todo o espaço, territorializando-se sobre sua desterritorialização. Sob o viés da prática científica, a ciência nômade é aquela que não respeita barreiras, caminha sobre o liso, sem ligar para científicismos, pós-modernismos, objetividades, misticismos, religiosidades etc. Para ela não existem fronteiras. O nômade se move quando se sente obrigado a, tendo como solo um mundo liso sobre o qual desliza. Já o Estado é aquele que tem como bem mais precioso o seu território, procurando sempre sua expansão. Para isto, desterritorializa-se para poder reterritorializar-se abrangendo um território maior. O ser que faz

parte do estado caminha sobre um mundo estriado, em trilhas construídas pelo estado. Na ciência, as ciências estatais, chamadas também régias, são aquelas que querem a todo custo manter e expandir suas fronteiras e seus caminhos para serem retrilhados e expandidos. As ciências neste espaço estriado são compartimentalizadas, nas quais o viajante-pesquisador necessita seguir os caminhos já existentes ou então, começar a cavar os muros destes compartimentos em busca do liso. O nômade, em seu caminho, por vezes penetra em território estatal, criando conflitos, de modo que o nômade pode, ao alisar o estriado, ser considerado uma máquina de guerra.

6. METODOLOGIA X PERCURSO DE PESQUISA

Definir uma metodologia aprioristicamente iria de encontro às características nômades deste trabalho. Seria como estabelecer um caminho, uma trilha que acabaria por sacrificar o nômade, pois o obrigaria a caminhar sobre o espaço estriado, estatizando-o.

Desse modo, ao invés de definir uma metodologia de pesquisa, trabalho com um percurso de pesquisa de modo que em sua independência nômade, diante de alguma barreira, reflete, soluciona e segue. Algumas precauções, assim como métodos, são utilizados, porém sempre tendo em vista o alisamento do espaço, visando a possibilidade do nômade continuar a *seguir*. Assim, ao longo dessa pesquisa deixarei claro os obstáculos do caminho, assim como as reflexões que se seguiram em busca de suas desobstruções.

7. ALGUMAS PRECAUÇÕES

Durante a preparação da entrevista decidi tomar certas precauções de modo a minimizar a contaminação da entrevista devido à minha presença. Meu objetivo era escutar e de algum modo sentir Seu Deives como co-vivente de meu mundo, na busca do *eu* e do *tu*. Do *eu* eu já tenho indícios, buscava o *tu*, para então refletir sobre o *eu-com-tu*, ou seja, a relação do meu mundo com o do Seu Deives. Assim, ao preparar questões para a entrevista, busquei apenas inserir perguntas que motivassem Seu Deives a falar sobre suas concepções. Além disso, já tinha em mente que só utilizaria estas perguntas em caso de necessidade, tentando sempre escutar Seu Deives, considerando que tudo que ele falasse já fosse aprioristicamente qualificado, sem julgamentos. Logo, buscaria partir de uma interseção, algo com significado para ambos. Para isto, imaginei como conquistar sua confiança e a maneira utilizada foi a mais natural possível, deixando ele cortar meu cabelo e estabelecendo, então, uma conversa informal. Tentei falar o menos possível de minha vida acadêmica, para não contaminar seu discurso. Ao iniciar a entrevista, após essa conversa informal enquanto ele cortava meu cabelo, tudo que Seu Deives sabia de mim era que eu era estudante da Unesp e que queria fazer um trabalho com alguém que morasse em Rio Claro.

O aparelho utilizado foi um gravador Panasonic – Cassete Recorder RQ-L11. No dia, levei um termo de autorização da entrevista para fins acadêmicos. A entrevista durou quinze minutos.

8. A ENTREVISTA: CONHECENDO SEU DEIVES

Chego ao salão do Seu Deives por volta do meio-dia. Pergunto se ele poderia cortar meu cabelo. Ele responde que sim. No ambiente ao meu redor, uma televisão a cores e um ventilador. Durante o corte, falamos sobre alguns assuntos relacionados ao ambiente em que estávamos, como, por exemplo, sobre a programação da televisão. Noto nesse momento que há um poema de Giordano Bruno escrito à mão na parede. Esse seria meu ponto de partida para a entrevista.

Falei para o Seu Deives que eu era aluno da Unesp, mas não mencionei que era aluno da pós-graduação em Educação Matemática, e que gostaria de entrevistá-lo para um trabalho da faculdade, enfatizando que era algo simples e sem formalidades, no qual gostaria que ele se sentisse à vontade para falar o que quisesse. O ventilador estava ligado e Seu Deives me

perguntou se eu gostaria que fosse desligado. Respondi que não era necessário. Queria que o ambiente fosse o mais natural possível para ele.

Ao final, pedi a Seu Deives que assinasse um termo de consentimento de utilização da entrevista, o qual frisava que os únicos fins seriam acadêmicos. Tirei algumas fotos de Seu Deives. Ele me pediu uma cópia da entrevista para guardar de recordação, alegando que não era sempre que as pessoas queriam escutar o que ele tinha a dizer.

9. MÉTODO DE ANÁLISE: EMERGÊNCIA DE CATEGORIAS

De posse da entrevista, meu primeiro passo foi transcrevê-la, para facilitar sua posterior análise. Tomei o cuidado de transcrevê-la na íntegra, com os vícios de linguagem e mantendo mesmo os erros gramaticais. Decidi não efetuar uma textualização, a fim de evitar a injeção de minhas concepções de certo e errado, válido e não válido, no discurso de Seu Deives. Em momento algum objetivei *qualificar* o conhecimento de Seu Deives. Parti do pressuposto que seu discurso era naturalmente *qualificado*, já que era significativo para sua realidade.

Em seguida, li e reli a transcrição inúmeras vezes. Nesse processo, emergiam temas que de algum modo giravam em torno de meu estranhamento inicial. Logo, decidi criar categorias para estes temas. São elas: *Presença do nômade*, *Felicidade*, *Aprendizagem*, *Verdade*, *Conhecimento* e *Teia além do homem*. Associei a cada uma das categorias uma cor. Li mais algumas vezes a transcrição, agora mudando a cor da fonte de alguns trechos, quando estes se relacionavam a uma das categorias que havia definido. É claro que alguns trechos poderiam estar relacionados a mais de uma categoria. Assim, os colori de acordo com a categoria que a eles estivesse mais fortemente ligada, porém, levando esse fato em consideração ao refletir sobre os temas.

Por fim, passei a interpretar o discurso de Seu Deives mediante a análise dessas categorias. É importante esclarecer que durante a análise não busquei importar teóricos da academia para o discurso de seu Deives. Procurei interpretá-lo, partindo de seu mundo, imergindo-me ali, em um movimento de idas e vindas, de constante negociação de significados.

10. AS CATEGORIAS

10.1 TEIA ALÉM DO HOMEM

O mundo tem uma organização além de nossos limites. Não temos condições de interferir nessa organização, pois esta é por demais complexa. As conseqüências se alastram, refletindo-se no mundo, que de alguma forma reage a elas. Contudo, Seu Deives considera a existência de um criador, um detentor, um dono para tudo isso: Deus.

O mundo de seu Deives é interconectado. Essas conexões são fortes e dependentes. Ele considera a co-existência de dois sujeitos, onde a existência de um é necessária para a existência do outro. Utiliza exemplos pragmáticos em sua argumentação, os quais são majoritariamente sociais, tal como em “[...] se não tivesse bandido, por exemplo, o que seria dos delegados?”.

10.2 CONHECIMENTO

Perguntado sobre a coisa mais importante que usou em sua vida, Seu Deives responde de modo determinado: conhecimento. Ele gosta muito de ler livros, especialmente de ciências. Não acredita em tudo que lê, pois considera que tem uma carga de experiência para julgar suas leituras. Além disso, quando fala da aquisição de seu conhecimento, enfatiza sua experiência. O conhecimento que ele descreve não é o mesmo que o descrito pela academia. Ele não vê necessidade de uma validação acadêmica para seu conhecimento. Ele mesmo o qualifica, e o repassa. Seu Deives alega conhecer muito sobre plantas medicinais e remédios caseiros. Enquanto cortava meu cabelo, durante uma conversa informal não gravada, me receitou um método para combater queda de cabelos: “Lavar a cabeça duas vezes por semana com suco de

carne crua [sic sangue]. Manter esse suco por duas horas na cabeça e então lavar. É tiro e queda”. Existe um momento de sua fala que Seu Deives utiliza conhecimento como sinônimo de experiência: “Eu tenho conhecimento muito grande... experiência, né?”

10.3 VERDADE

Seu Deives considera verdade um termo difícil, pois não crê no seu absolutismo. Considera ela dinâmica. Ela está em constante movimento. Também não considera as dicotomias tão comuns ao nosso pensar como extremos opostos, mas como interdependentes. Um necessita do outro para existir e, por vezes, são faces de uma mesma realidade, como ele explicita na passagem “não existe nem bem e mal. É tudo uma coisa só. Tudo é útil”. Entretanto, na maior parte de suas argumentações, ele utiliza exemplos extremamente pragmáticos, ao contrário da maioria dos filósofos que deste tema tratam. Além disso, estes exemplos são sempre sociais e mundanos.

10.4 TEORIA X EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM

O caráter empírico da trajetória de vida de Seu Deives é notável. Sempre julga o que lê com base em sua experiência de vida. Em suas palavras, ele não é “uma Maria vai com as outras”. Durante a entrevista, a palavra escola emergiu. Seu Deives começou sua fala dando certa importância pra escola, mas gradualmente essa importância atribuída a ela se esfacela. Primeiro, ele conjectura que a escola é importante, considerando o saber teórico como procedimental. No decorrer da entrevista, Seu Deives afirma que este saber procedimental também pode ser aprendido sozinho, concluindo que procedimentos podem ser seguidos em manuais de instrução. Ao falar da escola, Seu Deives dá maior ênfase na obtenção do diploma, pois sem este, ele não conseguiria emprego em outros salões. Ele afirma que grande parte do seu aprendizado se deu por observação e pelo “tentar fazer sozinho”. E, com a prática, o processo de aprendizagem ocorre.

Além da escola, Seu Deives cita uma ordem religiosa chamada Johrei, Igreja Messiânica Mundial do Brasil, deixando claro que ela foi muito importante para sua formação. Seu Deives tem o costume de ler livros desta ordem, os quais considera especialmente importantes para sua aprendizagem.

10.5 FELICIDADE

Seu Deives não parece ter muitas ambições, afirma que não tem nenhuma. Ele considera-se um homem de sorte, que viveu muito bem a vida. Ele dá bastante importância para a família. Considera-se afortunado por ter uma “família boa” e filhos bem criados. Acredita que se deve viver com o que se tem. É natural que alguns tenham mais, outros menos: “Tem mal que vem pra bem, bem que vem pra mal. Pra você ganhar, eu tenho que perder”. Ele acredita que é a dinâmica do mundo e não se pode mudar isso, pois as consequências podem ser drásticas. Ele também participou de tudo que podia, mencionando os partidos políticos com os quais trabalhou e/ou trabalha. Sua profissão, quando mencionada, é seguida por uma mudança de entonação em sua fala, revelando seu papel de destaque em sua vida.

10.6 PRESENÇA DO NÔMADE

Seu Deives tem algumas características do nômade. Seu discurso aponta para um mundo em cujo solo vivemos, mas que não temos direito de dele nos apossarmos. Estamos nele de passagem e nossas conquistas são passageiras, mediante seu usufruto. Entretanto não valora essa passagem, não distingue entre as possíveis ações. Isso fica claro ao ser questionado sobre o poema² que havia escrito em sua parede, que foi inclusive o ponto de partida para a entrevista:

² Poema de Giordano Bruno

Se a posse de um mundo perdeste,
Não sofras por isto, não importa...
Se a posse de um mundo ganhaste,
Não te alegres por isto, não importa...
Passam as dores e os prazeres
E tu pelo mundo passas, não importa...

Ele escolhe sua maneira de interação com o mundo que o rodeia. Ele olha, tem contato, escolhe, utiliza: “O que prestava eu usei, o que não prestava deixei de lado”.

11. REFLEXÕES, MAS NÃO CONCLUSÕES

O nômade está em constante movimento. Não existe um ponto final para ele, pois não tinha objetivos pré-fixados. Ele não conclui, para fechar sua trajetória. Ele reflete e segue seu rumo. Cada contato com Seu Deives ou com o mundo que o cerca me proporia novas reflexões. É um eterno movimento em que nunca somos os mesmos. Desse modo, supor uma conclusão, algo que conclui, é supor que algo se estagna. Prefiro a reflexão. Reflexão implica mudança e, logo, sua manifestação.

Olho para o mundo do Seu Deives. Alguns pilares que eu tinha como inabaláveis foram abalados. As minhas prioridades não são mais universais. Mostram-se extremamente individuais. Essas prioridades são reflexo de um grupo onde me encontro e tendemos a universalizá-las, como se todos delas partilhassem. É o que ocorreu em relação ao estranhamento que tive com a placa de Seu Deives. Em minha concepção, a academia é valorizada e é um reduto de conhecimento. Mas será a academia um propulsor de conhecimentos ou de formalidades? Será a formalidade uma condição necessária ou mesmo uma incentivadora do conhecimento? Parece-me que não. Seu Deives não tem um alto grau de escolaridade, considera o saber empírico mais importante que o saber que é encontrado na escola. É a experiência sua referência para julgamentos.

Penso de novo em meu estranhamento. Era só uma placa. Por que reduzir uma vida a uma placa? As próprias mudanças em uma língua são frutos de sua utilização popular. Caso contrário, ainda estaríamos falando *vossa mercê* ao invés de *você*. Falar *você* é um erro gramatical por conta disso? Como não é considerado de tal modo, concluo que é porque alguém o valida. Quem tem o direito de validar? A academia? Intelectuais? O povo³? Para o povo, a função da linguagem é pragmática, é comunicativa. Partindo desse pressuposto, alguém cujo vocabulário é extremamente extenso, e tenta comunicar-se utilizando palavras que não são de domínio do povo, dependendo do contexto, fala errado, visto que não atinge a meta popular para linguagem: a comunicação.

Seu Deives tem uma visão de mundo e sua fala me fez refletir mais do que muitos acadêmicos que encontrei em minha trajetória. É uma fala que comunica, cheia de significados, que traz em si não uma gama imensa de teorizações científicas, mas um saber simples, que busca estabelecer uma relação dele com o mundo e do mundo com o próprio o mundo. Ao escutar Seu Deives, sua fala revela sua existência, sua conexão com o mundo, sua conexão comigo, sua conexão consigo mesmo.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, W. *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
BENJAMIN, W. *Imagens do Pensamento*. In: BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

³ Aqui utilizo povo no sentido de não-intelectuais.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia – volume 5*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

DARNTON, R. *O Grande Massacre dos Gatos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, M. *A Vida dos Infames*. In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1997.

GARNICA, A. V. M. *(Re)Traçando Trajetórias, (Re)Coletando Influências e Perspectivas: Uma Proposta em História Oral e Educação Matemática*. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. de C. *Educação Matemática: pesquisa em movimento*. 1.a ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GARNICA, A. V. M. & FERNANDES, D. N. *Concepções de Professores Formadores de Professores: Exposição e Análise de seu Sentido Doutrinário*. In: *Quadrante*. Lisboa, APM, v.11, n. 2, pp. 75-98, 2002.